

# CORREIO DO VOUCA

Semanario  
independente, noticioso e litterario  
Orgão dos interesses da villa d'Eixo

Annunciam-se, gratuitamente, todas as publicações que nos forem enviadas.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
na Typographia A. F. Vasconcellos, Suc.  
Rua de Sá Noronha, 51

PORTO

DIRECTOR E PROPRIETARIO:

ALFREDO RODRIGUES COELHO DE MAGALHÃES

Editor—José Ferreira de Magalhães

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

NA  
RUA DE S. MIGUEL N.º 36

PORTO

Não se devolve originaes nem se aceita collaboração que não seja sollicitada.

## 6 que um padre liberal disse sobre Camões a um dos seus freguezes

O Joaquim do Vallado, um bom velho que passou o melhor de cincoenta annos num convívio constante e amigo com a terra-mãe, como já não pôde trabalhar, vae, de vez em quando, á residência do sr. cura que sempre o teve na conta d'um freguez honrado.

Num dos ultimos domingos, conversavam os dois, animadamente, no passal, sob uma latada, a cabeça á sombra, mas os pés de fóra, a apanharem uma restea de sol, que estava mesmo de consolar.

Tinham a tocar varios assumptos—eleições, contra-revolução, separação da igreja do Estado—quando chegou o carreiro que gosta de entregar pessoalmente a correspondencia ao sr. cura. Resumia-se esta, nesse dia, no *Seculo*.

O reverendo puxou, logo, dos oculos e começou a leitura em voz alta:

*Grandes festas, na capital, no dia 10, em homenagem a Camões. Cortejo civico, conferencias...*

—O quê, sr. Cura?—atalhou o Joaquim do Vallado. Festas em louvor do Camões?

—Sim, faz trezentos e... não sei quantos annos que elle morreu, vêm por isso muito a proposito.

—Que elle... morreu? Pois o Camões não anda ali rijo e fero. Ainda depois o vi, todo teso, á missa.

Percebeu o cura a razão das duvidas do Joaquim do Vallado, e riu, riu até rebentar o cóss das calças.

Havia, na aldeia, um pobre homem, cego d'um olho, a quem toda a gente chamava Camões. O Joaquim do Vallado, para quem não existia, nem nunca existira, outro Camões, não comprehendia por que carga d'agua se iam fazer em Lisboa tão estrondosos festejos «em louvor do cegueta do Zé Vicente»—era este o nome baptisimal do supposto festejado.

Sua Rev.<sup>ma</sup>, limpando o suor que em bagadas lhe corria pela rubicunda e nedia face, e assentando a manapula felpuda no hombro do parochiano ingenuo e ignorante, interpellava-o com voz quasi ameaçadora:

—Então tu não conhecerás, embora de nome apenas, o que foi o maior dos Poetas de Por-

tugal; o que cantou as nossas glorias e tornou o nosso nome imorredoiro; Camões, o maior dos portuguezes, que amava tanto a sua patria que «não se contentou de morrer n'ella, mas quiz morrer com ella»; o poeta do amor, mas do amor que enobrece e quasi divinisa; que cantou a mulher, não pelo que ella representa de sensual, mas por que, atravez do seu espirito de artista e de philosopho, poude concebê-la como symbolo de candura, de graça, de bondade; o poeta que cantou a Verdade e a Justiça, e não soube nunca vender a sua lyra e, por isso, morreu pobre, torturado e desprezado, mas sempre grande, altivo, magnanimo?

Nesta altura, o Reverendo foi atacado pela sua habitual e já chronica tossiqueira, aproveitando o Joaquim do Vallado a occasião para lhe perguntar, envergonhado e a medo:

—Mas quando viveu, afinal, esse Camões de que Vossa Senhoria está a fallar?

—Olha, amigo Vallado, o anno em que elle nasceu é coisa que ainda não conseguiu apurar-se d'uma vez para sempre, nem tão pouco qual a terra que o viu nascer, mas, cá para mim, é ponto de fé que não nasceu antes de 1524 e que foi Lisboa que lhe serviu de berço. Portanto, na primeira metade do seculo XVI.

Já Portugal tinha realisado a sua grande obra—o descobrimento do caminho marítimo para a India. Já Fernão de Magalhães, portuguez de nação, mas que, por motivos que não vêm agora para aqui, foi offerecer os seus serviços á Hespanha, havia dado a volta ao mundo.

Portugal, pôde bem dizer-se, tinha passado o seu periodo de esplendor e entrava na phase de decadencia, quando Camões nasceu. Governava D. João III, rei fanatico, que introduziu no nosso paiz a maldita da Inquisição e os malvados dos Jesuitas.

Camões, que passara alguns annos em Coimbra, onde fez os seus estudos, voltou para Lisboa, e porque tinha costella de fidalgo, entrou na côrte.

Era um bello rapaz, cheio de vida e de talento. Impressionou, logo, as damas que ahi viviam á volta da irmã do Rei, a Infanta D. Maria, entre ou-

tras, as irmãs Sigéas, uns portentos no latim e no grego, e a Paula Vicente, que, segundo as más linguas, ajudára a fazer ao pae, o Gil Vicente, algumas das suas comedias ou autos, como então se dizia.

Camões fez-se immediatamente pelo seu talento, ou direi melhor, pelo seu genio poetico. Elegeram-no as damas o Príncipe dos vates.

Esta honra tinha-a gosado até ahi, injustamente, um tal Pedro d'Andrade Caminha—espirito mediocre e mesquinho, caracter perverso, talvez a figura mais anthipathica da nossa historia litteraria.

Apenas o pateta do Caminha se viu suplantado pelo genial Camões—jurou vingar-se.

Camões era um temperamento affectivo, ardente, apaixonado. Não resistiu a galantear ou uma dama da paçol, Catharina d'Athaide, a legendaria Natercia, ou a propria Infanta.

O caso era grave e para produzir, sendo descoberto, um escandalo de mil demonios. Seria a perdição de Camões. Por isso o seu figadal inimigo immediatamente o aproveitou. Começou, sem perda de tempo, a tecer a teia de intrigas, em que Camões dentro em pouco se viu envolvido.

Perseguido, condemnado a desterro e a prisão, resolveu seguir o caminho da India, depois de ter dado provas de heroismo na Africa onde perdeu, combatendo pela patria, um dos olhos.

Talvez por aqui possas perceber já a razão por que chamam Camões ao Zé Vicente que embora tenha andado pelas Áfricas á cata de Gungunhanas veio perder um dos olhos a Portugal, numa linda tarde de maio, quando sachava alguns pés de milho muito verde e promettedor de boa espiga.

Mas voltémos ao Camões—poeta.

Quando elle, na hora da partida para a India, se lembrou de que não tornaria, talvez, a ver a sua Natercia, enchia-lhe já a alma um outro amor que tomou verdadeiramente forma e o absorveu completamente nas horas nostalgicas do exilio—o amor da Patria. Pelo seu espirito passavam já os quadros grandiosos da historia lusitana e iam esboçando-se as estrophes magnificas que os immortalisariam.

Quando, ao fim d'alguns annos de exilio, de privações, de torturas, quasi de fome, regressou á patria, encontrou-a

moribunda. O poema que immortalisou o seu nome e o nome portuguez—Os *Lusiadas*—vinha completo ou pouco menos. Tratou de sua impressão. Em 1572 estava publicado.

Para o pessimista Oliveira Martins, Camões escreveu o epitafio da Patria Portuguesa. Para mim, para todos os que tem esperanças, Camões escreveu mas foi o seu hymno heroico, grandioso, eterno.

Mas, meu caro Vallado,—terminou o rev. cura—para tu comprehenderes bem estas coisas, tens de ouvir ler primeiro algumas passagens d'esse livro a que eu me referi—os *Lusiadas*—e para isso, se quizeres, podes apparecer no proximo domingo.

O bom do velhote Vallado despediu-se do cura, prometendo apparecer para a annunciada leitura, e repetindo pelo caminho, em voz bem perceptivel:—Sempre devia ter sido um grande homem o snr. Camões!

A. B. C.

## GAZETILHA

Ora adeus! Quem noutras datas  
Era capaz de fazer,  
Sem carneiro com batatas  
E bella pinga a correr,  
Eleições mesmo pacatas?

Qual era o Zé que votar  
Ia em qualquer deputado,  
Sem a pança a abarrotar,  
O nariz muito encarnado,  
E as gambias a trocar?

Depois, a grita damnada,  
Desses vivas, desses preitos,  
—D'envolta com bordoadas—  
Aos deputados eleitos,  
Punha a gente consolada!

Hoje, eleitor's, que mudança  
Dos lindos tempos d'outr'ora!!  
Sem vinhaça, sem lambança,  
Entra um gajo e vai-se embora  
Mãe a lista na urna lança!

Mui senhor do seu nariz  
Deu o voto empervigado,  
A quem lá muito bem quiz!  
Mas nem vinho, nem assado,  
Nem sequer uma de X!

E, desta vez, que peneira!  
Não houve panno pra mangas!  
Sem verdasco ou petisqueira,  
Sem fungágas ou charangas,  
Sem vivas... que desgraceira!!

Eleições... querem-se á farta,  
Qu'isto assim não pôde ser!!  
E' dos preceitos da... carta:  
Se pinguita não houver...  
Vão pró raio que os parta.

31-5-911.

EL-VIDALONGA.

## ASSUMPTOS LOCAES

Continuemos a registar as informações que amavelmente nos enviou um nosso presado conterraneo.

«O cimiterio—diz o referido informador—que, julgo eu, devia merecer a attenção da commissão administrativa parochial, está cheio de herva, dando a impressão, a quem o visita, de um verdadeiro matagal. Chega a ser vergonhoso.»

Ha muito tempo que não entramos no cimiterio d'esta freguezia. Mas, até prova em contrario, temos como fidedignas as informações que recebemos. Vemos por ellas que a Junta actual segue o exemplo das suas antecessoras. Quantas vezes, no tempo da monarchia, tivemos de notar, com desgosto, o estado verdadeiramente lastimoso em que o cimiterio se encontrava. Apresentámos até o seguinte alvitre que nos pareceu razoavel: encarregar o coveiro, sob a fiscalisação da Junta, da sua limpeza, mediante um certo ordenado annual, que não poderá ser muito grande e de modo nenhum, cremos nós, desequilibrará as finanças da parochia.

As juntas monarchicas não ligaram importancia ao caso. Muito é para desejar que a primeira junta republicana não faça o mesmo.

Falla ainda o nosso amavel informador no estado em que se encontra o muro da praça ou mercado parochial, do lado da frente. Precisa, segundo a sua opinião, de ser concertado urgentemente, sob pena de, passado algum tempo, a despezas duplicar ou triplicar.

O nosso informador tem razão: mais vale prevenir do que remediar. Por enquanto, está a parede de pé, e apenas um pouco deteriorada, e com algumas pedras e meia duzia de colheres de argamassa põe-se como nova; d'aqui a algum tempo será preciso reconstrui-la completamente.

Deixamos estas ligeiras e comessinhas considerações ao criterio dos membros da Junta.

Elles ponderarão o caso, aliás simplicissimo, e resolverão conforme lhes parecer mais conveniente aos interesses da freguezia.

Escreveu-nos um nosso presado conterraneo uma carta sobre o assumpto do adro e pede-nos a sua publicação, o que não podemos fazer neste numero.

## NOTICIARIO

**Fallecimentos**—Depois d'um grande soffrimento, falleceu aqui, no dia 2, com 51 annos d'idade a sr.<sup>a</sup> Maria Ferreira Barbosa, mais conhecida por Maria Anacleto, respectivamente esposa, mãe, cunhada e prima dos nossos presados conterraneos srs. Francisco Rodrigues Felizardo, Lourenço Rodrigues Felizardo, José Rodrigues Felizardo e José d'Almeida Barbosa.

A extincta gosava de muitas sympathias, sendo por isso a sua morte muito sentida.

A toda a familia enluctada, as nossas sentidas condolencias.

—Falleceu em Nariz, no dia 7 do corrente, pelas 2 horas da tarde, o sr. Manuel Evaristo Luiz Ferreira, importante lavrador, que tem aqui alguns parentes.

Não conheciamos pessoalmente o extincto, mas temos ouvido fazer boas referencias ao seu caracter. Dizem-nos que o seu funeral foi muito concorrido, afirmando assim os habitantes de Nariz e logares visinhos a conta em que tinham o extincto.

A toda a familia enluctada, sentidos pesames.

**Roubos sacrilegos**—No dia 9 do corrente, de manhã, appareceu roubada a igreja d'esta freguezia, sendo o objecto do roubo o seguinte:—sete resplendores dos santos, uma toalha e a caixa das almas do santo Antonio.

Tinha-se alguém lembrado, suspeitando já roubalheira, de retirar da igreja as lanternas de prata, se não, também teriam marchado, com o que os gatinos iriam mais satisfeitos.

Não se descobriram os auctores da proeza, mas devem fazer-se todos os esforços para os descobrir, porque não será nada vantajoso que taes factos fiquem impunes.

—No mesmo dia, entraram também na igreja da vizinha freguezia de S. João de Loure, levando, pelo menos, a caixa das almas.

**Consortio**—Consortiou-se com a sr.<sup>a</sup> D. Ernestina da Cunha, filha do snr. José Augusto da Cunha, capitão-mór de Mossuril (Africa Oriental) o nosso querido amigo dr. Alvaro Pato, conservador do Registo Predial em Salsete (India Portuguesa).

D'aqui lhe enviamos um abraço affectuosissimo, com o dese-

jo sincero de que seja muito feliz, o que merece pelo seu primoroso character, e o que espera pelas excellentes qualidades de espirito e de coração da sua esposa.

**Valle do Vouga**—Parece certo que o troço do Caminho de Ferro do Valle do Vouga, de Aveiro a Albergaria-a-Velha, será inaugurado no proximo mez d'agosto.

Até nos parece que já ouvimos apitar a locomotiva, ali atravez do quintal d'um nosso visinho que ainda nesse dia ha-de deitar as mãos á cabeça...

«Correio do Vouga»—Por motivos extranhos á nossa vontade, não nos foi possível publicar o ultimo numero deste jornal.

Pedimos desculpa aos nossos amaveis assignantes a quem, como de costume, será descontada a respectiva importancia.

**Roubo**—No dia 29 do mez passado, roubaram á sr.<sup>a</sup> Mariana Vareira, do visinho logar d'Horta, varias peças de roupa e algumas medidas de milho. Não se sabe quem foram os auctores da proeza.

**Rectificação**—No nosso ultimo numero, dissemos, por lapso, que servira de testemunha no registo civil d'um filhinho do nosso amigo sr. Sebastião Gomes de Magalhães, o sr. José da Costa Santos, quando foi o sr. João Simões de Carvalho.

**Vista-Alegre**—Para a Fabrica da Vista-Alegre tem seguido d'aqui muitos carros de barro de que é fornecedor o sr. Manuel Lima, do visinho logar d'Horta.

**D'alem-mar**—Acabamos de receber noticias do nosso presado conterraneo snr. José Fernandes Nunes de Carvalho, residente em Lourenço Marques, onde é muito digno empregado da alfandega.

Por seu intermedio, soube-mos do sr. Francisco Martins, natural do visinho logar d'Horta, e que vive também em Lourenço Marques.

Estão ambos bem de saúde o que de todo o coração estimamos. Agradecemos-lhe as provas de estima que nos tem dado e retribuimo-las com um affectuoso abraço, acompanhado do desejo sincero de que sejam sempre muito felizes.

—De Manaus (Brazil) escreveu-nos também o nosso amigo sr. Clemente Rodrigues Simões, natural de S. João de Loure, e

que ainda ha pouco esteve entre nós.

Dá-nos, infelizmente, uma noticia desagradavel, a de que está doente o nosso presado amigo sr. Domingos Tavares da Silva, natural de Azurva, e que vive ha annos em Manaus de cuja praça é um dos commerciantes mais considerados.

De todo o coração, desejamos ao bom amigo Tavares da Silva as mais rapidas melhoras.

Ao sr. Clemente Rodrigues Simões, agradecemos todas as suas atencões e desejamos muitas felicidades.

—Igualmente nos escreveu de Manaus (Brazil) o sr. Anibal Paiva, nosso sollicito correspondente, dando-nos a agradavel noticia de que regressará brevemente a Portugal.

Desde já, desejamos que tenha boa viagem e que encontre a sua familia de saúde.

## Pelo estrangeiro

## Um vulcão em erupção

Um cablograma de Nova-York, datado de 11, noticia que o vulcão da colina de Popocatepelt se encontra em erupção.

Acrescenta o referido cablograma que o grupo de ilhas que havia ao centro do lago Zochimilce desaparecera, submergindo-se e perecendo os dois mil e trezentos habitantes que o povoavam.

Sabe-se ainda que muitas regiões mineiras foram invadidas pela agua e que, embora muitos mineiros conseguissem salvar-se, se registam numerosas victimas, entre as quaes individuos de nacionalidade hespanhola e italiana.

Nas immediações do vulcão ficaram quasi todas as casas derubadas e nas montanhas circumvisinhas abriram numerosas fendas, pelas quaes sae muito fumo e agua a ferver.

A colina de Popocatepelt está despovoada, por isso que todos os seus habitantes se puzeram em fuga, aterrorizados pelo phenomeno sismico.

## A AGUIA

Revista quinzenal illustrada  
de litteratura e critica

Sae a 1 e 15 de cada mez e só publica inéditos.

Cada numero, 50 réis

que ella soubesse porquê, e que a obrigava ás vezes, alta noite, a erguer-se do catre com espanto de si mesma, como se dentro do seu proprio ser uma creatura intrusa e desconhecida tivesse surgido inesperadamente. Depois, essa impressão de terror e de estranheza foi-se desvanecendo; soror Violante ponde dominar-se, analysar-se, ligou ideias, approximou factos, observou-se comprehendeu-se e viu que no seu corpo de creança, na sua alma de creança, a grande intrusa era — a mulher.

Assistiu á sua propria eclosão, ao seu proprio desenvolvimento, á floração lenta de cada forma da sua belleza, de cada parcella do seu

complexo instincto. A Natureza, n'aquella creatura condemnada á castidade e á esterilidade, estava sabiamente, amorosamente, creando a incarnação perfeita e fecunda da Mãe. D'ali por diante, soror Violante passa horas e horas da noite no archi-banco da cella, os braços estendidos sobre um grande livro de *Meditações*, erguendo-se apenas, de quando em quando, cheia de terrores, rodeada de sombras, para castigar á força de disciplinas a revolta de toda a sua carne fecunda. Mas era inutil. A Tentação espreitava-a de cada canto, palpitava em volta d'ella. Nos quadros, nos retabulos, nas imagens, nos proprios silhares d'azulejo do Capitulo, a

## Homenagem a Camões

## HYMNO A CAMÕES

Camões fez o Livro mais bello,  
—o Livro do nosso amor  
Quando formos grandes havemos de lê-lo,  
e havemos de lê-lo  
na noss'alma em flôr!

Camões é a voz do immenso mar,  
—d'esse mar do nosso amor!  
No seu Livro as ondas estão a cantar,  
e nós a escutar  
na nossa alma em flôr!

Camões é o pae da Patria amada,  
—nossa linda terra em flôr!  
E Camões lhe deu a gloria adorada,  
por elle cantada  
com tao bello amor!

Affonso Lopes Vieira.

## VERSOS A CAMÕES

Quem um dia cantou as nossas glorias  
Nas fulgidas estrophes d'um poema,  
E evocou, com suavidade extrema,  
As lusas descobertas e victorias;

Quem um dia escalou heroicamente  
A montanha falidica da Vida  
E lá, de lyra em punho, estranhamente  
Soube cantar a terra'estremecida;

Não morreu com a patria sua amada!  
Ella ficou apenas no letargo  
D'um desanimo frio, duro, amargo  
E elle a dormir na campa regelada!

Passou por sobre a patria o turbilhão  
Da desdita feroz, da crueldade;  
Chorou, no captivo, a liberdade  
E esteve sessenta annos na prisão,

Mas sempre, ante os seus olhos, a Epopeia,  
Herança d'um passado glorioso,  
Lhe mostrava um futuro radioso,  
Embalando-a qual canto de sereia.

De derrota em derrota e dôr em dôr  
A patria, veio em duras convulsões,  
Sempre exaltando a sombra de Camões,  
Sempre a sonhar a Liberdade e o Amor.

Té que um dia,—immortal dia d'Outubro!—  
O povo portuguez, da gloria amigo,  
Encarnando o sentir do luso antigo,  
Se levantou num gesto andaz e rubro...

E cansado de haver chorado tanto  
As desditas da terra portugueza,  
Olhos cheios d'um sonho de belleza,  
Ergueu a voz e soluçou um canto.

E, no anseio febril das redempções,  
Do velho Portugal, o nosso povo  
Formou um Portugal radioso e novo  
Digno de ser a patria de Camões.

Junho de 1911.

Vaz Passos.

## NOTICIAS PESSOAES

## Anniversario

Fez, num dos ultimos dias, 3 annos, a menina Alice, galante filha do nosso amigo sr. Antonio do Carmo de Magalhães a quem enviámos muitos parabens, bem como á sua extremosa esposa, sr.<sup>a</sup> D. Isaura de Magalhães.

## Estadas

Vinda da capital, está entre nós a sr.<sup>a</sup> D. Leopoldina Fernandes.

—Esteve em Lisboa, no dia 2 o sr. Dr. Alfredo Coelho de Magalhães, director d'este jornal, que, como delegado dos professores interinos do Lyceu Rodrigues de Freitas, do Porto, foi entregar uma representação ao illustre Ministro do Interior.

—Esteve no Porto, num dos ultimos dias, acompanhado de sua esposa e de seu filhinho João, o nosso presado amigo e conterraneo sr. Eduardo d'Oliveira Barbosa.

—Esteve, ha dias, no Porto, o nosso conterraneo sr. Ricardo da Silva Neves, considerado negociante em Pombal.

—Esteve na Foz do Douro, de visita á sua ex.<sup>ma</sup> familia o nosso presado amigo sr. Dr. Alberto Moreira da Rocha Brito, bacharel formado em Philosophia e alumno laureado do 4.<sup>o</sup> anno de Medicina.

## Doentes

Depois de ter passado alguns dias de cama, levantou-se hontem o director d'este jornal a quem desejamos completo restabelecimento.

—Esta melhor, o que sinceramente estimamos, o sr. Domingos Valença, filho do nosso presado amigo sr. José de Bastos Valença, digno e considerado industrial no Porto.

## Partidas e chegadas

Acompanhado de sua gentil irmã, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Alcides, regressou de Lisboa, onde tinha ido fazer uma operação na garganta, o nosso presado conterraneo sr. Aristides Dias de Figueiredo. Desejamos que a operação tenha corrido bem e que este nosso amigo se restabeleça depressa.

—Regressou do estrangeiro o illustre aveirense e distincto homem de letras sr. Dr. Jayme de Magalhães Lima.

## Délivrance

Deu á luz, no dia 4 do corrente, uma creança do sexo feminino a esposa do nosso conterraneo e distincto pharmaceutico sr. Aristides Figueiredo a quem enviámos muitos parabens.

—Tambem no dia 6 deu á luz uma creança do sexo feminino a esposa do nosso amigo e conterraneo sr. Manoel Marques Ferreira a quem felicitámos.

## Uma freira de Lorrão

(CONCLUSÃO)

Nos primeiros tempos, logo em seguida ao seu noviciado, a reclusão, a excessiva vida interior em que fallava frei Estevão, a sollição lenta, constante, exercida sobre o seu espirito pela sensualidade das formas externas do culto, tinham revestido, na pobre freira, o instincto nascente da mulher d'um certo character confuso de mysticismo e de angustia, de sobresalto e de interrogação, que a affligia sem

nadas d'uma velha edição hespanhola,—*Mater purissima, Mater inviolata, Mater admirabilis*...—sempre a Mãe, eternamente a Mãe, em livros, em quadros, em tudo. E constantemente excitada, constantemente perseguida pela mesma ideia fixa, as crises seguiam-se n'uma lucta perpetua, n'um combate heroico contra si propria, contra o seu proprio instincto, terminando no delirio e nas disciplinas, na allucinação e no pavor, nas macerações e no supplicio. Foi em seguida a uma d'essas crises, quando ia já melhorando, resignando-se, pacificando a sua rebellião de esteril, quando já voltava a cantar, a tocar pelas tardes o lindo cravo de soror Virgilia, a dis-

DOS NOSSOS CORRESPONDENTES

Lisboa, 1

(RETARDADA)

Encontra-se bastante incommodada de laura a sr.<sup>a</sup> Laura da Silva Mortagua que tem guardado o leito. Felizmente, e devido aos esforços do seu clinico assistente, o ex.<sup>o</sup> sr. dr. Castro, encontra-se melhor, podendo considerar-se livre de perigo.

Tambem se encontra em convalescencia o meu presado amigo José Ferreira Garro que hoje teve a amabilidade de nos visitar. Muito folgamos por vel-o quasi restabelecido.

A' hora em que escrevemos, 2 da tarde, ouço repetidos toques de apito para os lados do Conde Barão. Dirijimo-nos logo para a rua Candido dos Reis—antiga rua de S. Bento—para nos mettermos pelo largo dos Mastroz que nos levou ao Largo da Boa-Vista onde vimos grande ajuntamento de povo, policia e soldados da guarda republicana.

No meio do ajuntamento, divisamos o cadaver d'um homem ainda novo. Pedindo informações sobre o caso, disseram-nos que o motivo do crime tinha sido o ciúme por causa d'uma prostituta.

Quasi á mesma hora, uns rufias no largo da Esperança metteram-se em desordem da a guarda que ali estava e que era substituida por soldados de infantaria 2.

Acudiram os marinheiros e dentro em pouco já ninguém se entendia. O Largo estava, pôde dizer-se, em estado de sitio, e eu aproveitei a primeira abertura para me pôr a andar.

Estamos em plena primavera. Dias e noites serenas, o que nos faz lembrar a nossa querida S. João de Loure.

Partiu para Canellas o nosso amigo sr. Manuel da Silva Carracio.—Melicias.

Alquerubim, 6

As vinhas e oliveiras estão carregadas de fructos, prometendo um anno abundante de vinho e azeitão, mas se o tempo continua chuvoso e frio, como vae correndo, tudo se perderá, passando a ser um anno de carestia.

O azeitão está por um preço exorbitante, 500 réis cada litro a retalho e 440 réis por cento. Um artigo de primeira necessidade como este é para pobre e rico, devia ser permitido a sua importação livre de direitos, pois desceria para 400 e 300 réis, vindo d'Españha, onde o ha em abundancia, e onde custa 200 réis o litro. — C.

Troviscal, 1

(RETARDADA)

Com a maxima regularidade e ordem realisaram-se aqui, no proximo passado dia 28, as eleições de deputados ás Constituintes, sendo votados os candidatos dr. Manuel Ribeiro Alegre, Alberto Souto, dr. Sidonio Bernardino Cardoso da Silva Paes, Albano Coutinho e dr. José Soares da Cunha e Costa.

Como delegado do sr. administrador do concelho assistiu o sr. dr. Antonio da Costa Ferreira, de Oliveira do Bairro.

De visita á sua illustre familia esteve na Povoa do Ufmo, nos dias 27, 28 e 29 de Maio ultimo, o nosso amigo sr. Manuel d'Oliveira e Santos, alumnado do 1.<sup>o</sup> anno da faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, para onde se retirou no ultimo d'aquelles tres dias.—Gil.

S. João de Loure, 8

A falta da regencia do curso nocturno tem-se feito sentir consideravelmente. A freguezia reclama das auctoridades a attenção para tão importante assumpto, pois é de justiça dizer-se que ao curso nocturno se deve, em grande parte, que muitos dos habitantes d'esta terra abraçassem as ideias democraticas, depois

que no seu espirito se fez alguma luz. E' evidente, portanto, a influencia benéfica que, sob o ponto de vista social, o curso nocturno tem.

O actual professor parece não estar resolvido a reger gratuitamente o curso, como fez sempre o nosso bom amigo e ex-professor sr. Alexandre Nunes Vidal.

Achamos, por isso, necessario que a Camara Municipal lhe arbitre uma determinada retribuição d'harmonia com o serviço prestado.

Vindo de Lisboa, chegou a esta localidade o sr. Manuel Marques Pereira de Sousa, do lugar de Loure.

Já se encontra um pouco melhor da sua prolongada doença o nosso amigo sr. José d'Almeida.

Vindo do Brazil, chegou aqui o nosso amigo sr. Francisco da Silva, acompanhado da sua ex.<sup>ma</sup> esposa.—C.

Verdades que... parecem mentiras

Enthusiasmo excessivo

Deu-se, ultimamente, no parlamento hespanhol, um caso interessante; narremol-o:

Quando o senador sr. Estevan Collates apoiava, com grande enthusiasmo, uma emenda que fôra apresentada ao artigo primeiro do projecto de lei sobre a suppressão do imposto de consumo, despendenderam-se-lhe os botões das calças, começando estas a descer-lhe nas pernas, sem que elle d'isso se apercebesse.

As primeiras pessoas que deram conta do caso saltaram uma retumbante gargalhada.

O snr. Collantes, julgando que as gargalhadas são provocadas por qualquer passagem do seu discurso, encolerisa-se, agita-se vivamente e assim faz com que acabem de cahir-lhe não só as calças, mas tambem as ceroulas.

Em toda a camara e nas tribunaes, rebenta nova tempestade de gargalhadas, o presidente agita a campainha, as senhoras, nas tribunas, occultam o rosto com os leques, ruborizadas, mas o riso continua a explodir por muito tempo ainda, sendo o presidente da camara impotente para fazer restabelecer a ordem.

O sr. Collantes apercebeu-se, emfim, do que succedera, levanta as calças e prosegue o seu discurso.

Leituras amenas

Santo Antonio

Prégara Christo a verdade aos judeus, mas elles, como filhos do pae da mentira, não só o não queriam crer, mas de nenhum modo ouvir.

Suppunha-os o Senhor creaturas racionais, que eram ou deviam ser, e como taes os effiz persuasivos com razões, e dois effizes argumentos. Primeiro: quem é Deus, ouve a palavra de Deus: vós não a quereis ouvir, logo não sois de Deus. E se não sois de Deus, de quem sois? Segundo argumento: Se não sois de Deus, logo sois do demonio, e do demonio não sois servos, seguidores sómente, senão filhos. Responderam: Nós somos filhos de Abrahão. E replicando

Christo: Se não sois filhos de Abrahão, fazei obras dignas de tal pae, então sairam com a sua e terceira consequencia. Tomaram pedras para apedrejar o Senhor, o qual, escondendo-se dentro em si mesmo, e fazendo-se invisivel, saiu do templo. Pudera-os cegar, mas teve por melhor fazer-se invisivel, para que com os olhos abertos, vissem como em espelhos, nas pedras que tinham na mão, a dureza da sua rebeldia.

O mesmo succedeu a Santo Antonio com os herejes, cuja vaidade e soberba não só fazia pouco caso da sua doutrina, mas se retirava e fugia de a ouvir. E que faria Santo Antonio n'este caso? Far-se-hia tambem invisivel?

Não o soffria seu zelo.

Vai-se diante dos mesmos herejes á ribeira do mar, chama em voz alta aos peixes: «Peixes, vinde ouvir a palavra de Deus, já que os homens lhe negam os ouvidos.» A esta voz (coisa maravilhosa!) começou a ferver todo mar, e os peixes em cardumes, cada qual segundo sua especie, a nadar directamente aonde se chamava a voz. Os mais pequenos se puzeram ordenadamente junto á praia; os outros, mais afastados um pouco; os maiores, que demandavam maior fundo no tempo do mar, e todos, com as cabeças fóra da agua, aguardavam attentos o para que aquella voz os chamara. Socegado o mar, e foi todo o auditorio, começou Santo Antonio a lhes prégar aquelles benéficos, divinos, que sem os entenderem, tinham recebido da mão do Creador.

Vós fostes, dizia, as primeiras creaturas sensitivas, que Deus produziu; os vossos olhos os primeiros que descobriram e viram a luz do mundo; o vosso elemento o segundo, mais vasto que toda a terra, diafano, transparente, e penetravel; muitos de vossos corpos, os maiores de todos os viventes, vestidos uns de escamas prateadas e doiradas, outros de pelles de diferentes côres, asperas ou lisas. Emfim, parentes em primeiro grau do sublime côro das aves, nascidas na mesma patria das aguas, onde muitas desprezando as alturas do ar, vivem juntamente convosco, pelo que todos deveis infinitas e continuas graças ao Creador.

Tudo isto viam e ouviam os hereges istmados, e attonitos do silencio e attenção, com que os peixes mostravam por seu modo assentir a tudo o que o santo pré-gava, desfazendo-se pouco a pouco, e abrandando-se as pedras que tinham, não nas mãos, como os judeus, mas nos corações obstinados.

A ALTA RODA

Corria animadissimo o baile da marquez.

No vasto salão, todo espelhos e doirados, illuminado por dezenas de luzes que irradiavam de artisticos candelabros, agitavam-se em doce confusão, num redemoinhar subtil, os formosissimos pares, emquanto o sexteto executava com mimo e mestria os primeiros compassos da deliciosa valsa *Sonho d'Amor*.

E... quantos sonhos de ventura alli iriam phantasiando os pensamentos! Quantos castellos aereos de amor se estariam edificando dentro d'aquellas almas, para um dia, quem sabe, cahirem desfeitos em lagrimas.

As lóres variadas do decotado dos vestidos de setins de preço, a prograncia de carissimas essencias, espalhando-se por todo aquelle ambiente, fazia lembrar a entrada num vasto roseiral, obedecendo aos caprichos d'uma tepida aragem.

No gabinete contiguo ao salão de baile, jogavam o *sollo* os que a idade lhes não permittia dançar.

Era este o entretenimento do velho marquez.

A loira esposa, bella e nova, encontramo-la entre os pares dançante com um visconde, moço e galanteador. Veste de seda branca e pelo decotado corpete, onde um ramo de botões de rosas vermelhas se debruça, espreitam-se dois novellos de neve, morna e tremula.

Os labios sensuaes, entreabertos, deixam vêr duas alvas fiadas de perolas e nas faces onde brinca um sorriso deslumbram-se duas encantadorss covinhas, feitas talvez prepositadamente para ninhos de beijos...

—Então marqueza? exclamou o visconde num suspiro.

—Não insista, por Deus, supplico-lh'o.

—E' tão cruel. Compraz-se em recusar este pequenino favor! Dê-me o ramilhete.

—Para que o quer? Rosas vermelhas! Um ramo banalissimo!

—Mas... é seu marqueza, e isso é tudo! Rosas vermelhas! Talvez côradas de vergonha. E' que as pobresinhas reborisaram-se, vendo que outra rosa, incontestavelmente mais formosa as ostenta.

—Cautella visconde! disse ella olhando em redor.

—Nada recede. Seu marido joga e estes que nos rodeiam só pensam em Therpsichore.

—Eu sei... todo o cuidado é pouco.

—Vamos, não me faça soffrer!

E ella num gesto gracioso e rapido despregou o ambicionado ramilhete e dando-lh'o sorratamente, disse:

—Aqui tem, mas veja se o oculta depressa.

O visconde, nervoso, guardou-o no bolso de dentro da casaca, e muito disfarçadamente, depoz na mãosita breve do seu par um beijo quente de gratidão e amor.

Entretanto no gabinete do jogo, o marquez dizia:

—Peço licença.

—Vae bem replicou um parceiro fechando o leque das cartas.

—O triumpho é? perguntou o outro.

—Paus! Volveu o marquez.

—Cautella... olhe se perde...

—Eu? Isso sim! E' uma partida certa. Quasi que podia bolar...

E... o sexteto no salão executava com mimo e mestria os ultimos compassos da deliciosa valsa *Sonho d'Amor*.

R. Xavier da Silva.

LISTA DOS SUBSCRIPTORES

Subscrição aberta a favor dos alumnos necessitados

das duas escolas officiaes d'esta villa e dos nossos conterraneos extremamente pobres e impossibilitados, por falta de saúde, de ganharem os meios de subsistencia.

Transporte . . . 174\$650

Padre Manuel da Cruz . . . 1\$500

José Liborio . . . . . 1\$000

D. Carolina Adelaide de Mello 1\$000

Manuel Rodrigues Vieira . . 1\$000

Bispo d'Angola e Congo . . . 10\$000

Somma . . . . . 189\$150

Todos os nossos conterraneos, que queiram subscrever, podem dirigir-se á Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Maria Lucia dos Reis e Lima e aos snrs. Dr. Eduardo Figueiredo, em Eixo; Manoel de Moura e Avelino Dias de Dias Saldanha, em Lisboa, Rua Augusta, n.º 100-1.º; e Dr. Alfredo de Magalhães, no Porto, rua de S. Miguel, n.º 36.

INSTRUÇÃO PRIMARIA

Rudimentos de Sciencias Naturaes, conformes os programma de 1902

POR

ALVARO M. MACHADO

Bacharel formado em Philosophia e Medicina pela Universidade e professor effectivo do Lyceu D. Manuel II

E

A. A. FLORES LOUREIRO

Medico cirurgião pela Escola Medica do Porto e professor interino do mesmo lyceu.

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

ABC illustrado

POR

ANGELO VIDAL

labios, embalando lentamente, amorosamente, o pequeno berço vasio, como se dentro d'elle houvesse uma creança.

—Que é isso, soror Violante?— Interrogou a Prelada, encarando-a com espanto.

A freira, tranquillamente, continou a embalar o berço deshabitado, sorriu para a Abbadessa n'uma expressão suprema de beatitude, e n'uma voz onde havia todo o jubilo d'uma maternidade illusoria, balbuciou, como n'um gemido:

—Estou a adormecer o meu filho...

DOS «OUTROS TEMPOS»

Julio Dantas.

trahir-se, a tranquillizar se, — foi então que, por obra do Diabo, entrou na sua cella o pequenino berço, o ingenho berço do prosepio.

Fôra a velha leiga soror Simôa que lh'o puzera, por ordem da Abbadessa, junto á cabeceira do seu catre estreito. Tinha-o ali, bem certo, como coisa sua, podia tocar-lhe, movel-o como um brinquedo, fazel-o oscillar como quem embala uma creança. Recolhera á cella para se deitar. Começou a despir-se, na meia luz de um candieiro de latão, tirou o habito, o escapulario, as camandulas, o cordão, e ficou sobre o leito, enlevada, a olhar, n'um vago sorriso de beatitude. A principio fez-lhe uma impressão de ternura, deu-

lhe vontade de chorar aquelle pobre berço sósinho, deshabitado, vasio, mandado sem amor para o prosepio de um convento. Depois, pouco a pouco, foi ligando a ideia d'aquelle berço á ideia d'uma creança. Começou a pensar como seria lindo ver um penquito ali, muito loiro, muito rosado, com as mãosinhas polpudas a surgir d'um molho de rendas, no que lhe faria se ali o tivesse, como o adormeceria, como o embalaria, como lhe daria o peito para o aleitar. Insensivelmente, as mãos pallidas de soror Violante foram procurando, por sobre o bragal rude da camisa, a curva forte do seio que se acuminava, que se movia, que palpitava. A ideia confusa, a

ideia vaga d'essa creança já era inseparavel da ideia da propria carne.

D'ahi a pouco, a pobre freira já via—mas via, claramente—uma forma arredondando-se, estremecendo no pequeno berço, sorrindo, brincando. O coração batia-lhe apressado, sentia uma oppressão na garganta, invadia-a uma excitação progressiva e singular. Esfregou os olhos para afastar aquella allucinação absurda, estendeu os braços convulsos para o berço, palpou-o, foi á cabeceira do catre, tomou as disciplinas de pontas de ferro, flagellou-se, ensanguentou-se, voltou de novo ao berço, desfigurada, os olhos extaticos, os dentes cerrados, palpou-o outro vez, ergueu-se, quiz

arrimar-se ao archi-banco, a estante resvalou, o corpo abateu sobre o tijolo da cella, houve um grito, um rugido,—e tudo voltou ao silencio, o silencio profundo, pesado, afflictivo, das noites d'um mosteiro.

Quando mais tarde tocou a matinas, soror Violante não appareceu no coro. Era a primeira vez. A Abbadessa revestiu o ar grave das grandes solemnidades, compoz a cruz peitoral, d'oiro massiço, sobre o escapulario negro, e encaminhou-se para a cella da foragida. Ao abrir a porta, na luz tremula d'um candieiro de dois bicos, viu a pobre freira, quasi nua, ensanguentada, extatica, os olhos vagos, a face terrerosa, um sorriso a brincar-lhe nos

